



Wenderson Araújo/Especial para o CB



MAURO GIUNTINI: MUITAS IDEIAS NA CABEÇA E UM LONGA-METRAGEM EM ANDAMENTO

# AS LENTES de Mauro

**Nascido na 112 Sul, cineasta prepara um filme sobre o conflito do prazer com o dever. Os personagens são brasileiros comuns**

CAROLINE LASNEAUX  
DA EQUIPE DO CORREIO

Quando Brasília tinha seis anos de idade, Mauro Giuntini nasceu. Morou até quase o começo da vida adulta num edifício da SQS 112. Os prédios de pilotes, as enxadas, pás e o cimento usados para fazer a cidade crescer também foram objetos representativos da infância do menino. Tudo o que sabe sobre Brasília, segundo ele, veio do que via pela janela do apartamento. Foi dali que acompanhou a comoção pela morte de Tancredo Neves, viu os jovens saírem às ruas gritando "Diretas já!" e os caras-pintada pedindo o impeachment de Fernando Collor.

"Sou da primeira geração de Brasília e me marcou muito ter crescido com a cidade. Quando eu era criança, Brasília era criança. A partir do momento que as coisas começaram a ficar mais complexas na minha vida, passaram a ficar mais complexas para a cidade também. Es-

sa experiência é indescritível", diz Giuntini.

Aos 41 anos, o brasiliense traz na memória e na vida afetiva a relação que tem com a cidade, uma espécie de irmã mais velha para ele. Apaixonado por cinema, o hoje morador da Asa Norte transferiu também para a sétima arte o carinho que tem pela capital do país. Tanto que seu próximo trabalho é o longa *Simplex mortais* que, segundo ele, tem muito a ver com Brasília. "O filme aborda a questão do conflito do prazer com o dever. Também explora a negociação que deve ser feita todos os dias entre a consumação e a sublimação das paixões", explica.

Para exemplificar o controverso mundo de adequação entre o desejo e a realidade, Giuntini usa três personagens brasileiros comuns, com histórias diferentes mas que, em algum momento, se entrelaçam. A intenção é mostrar a vida interna de Brasília, longe da Praça dos Três Poderes. "A minha ideia é ressaltar Brasília de uma perspectiva de quem cresceu com a cidade. Por isso, os personagens do filme são pessoas normais, que vivem longe do centro do poder administrativo do país. Misturo verdade e ficção, sempre mostrando que há poesia no cotidiano. Apesar da discrepância entre o sonho e a realidade, existe magia no dia-a-dia de todo mundo".

Ainda em pré-produção, *Simplex mortais* é o primeiro

longa-metragem de Giuntini. Foram três anos na tentativa de concretizar o trabalho que está saindo do papel graças ao patrocínio da Petrobras. "Fazer arte não é fácil, principalmente cinema, por ser mais cara. A gente filma bem menos do que gostaria", reclama o cineasta, que ainda precisa conseguir mais verba para terminar o trabalho. "Falta captar dinheiro para a finalização, lançamento e distribuição do filme".

Apesar de ser o primeiro longa da carreira, Giuntini já havia usado Brasília como inspiração para o trabalho em *Jardins do tempo*, um dos três curtas-metragens dirigidos por ele. O curta fala sobre a contribuição de Roberto Burle Marx na definição da identidade da capital federal. "Chamo bastante atenção para a importância de Burle Marx para a cidade, porque acho que ele não tem seu valor reconhecido e a sua obra ainda não é tão preservada", diz.

Mesmo encantado pela cidade, que tem quase a idade dele, o cineasta não é só elogios para Brasília. "Tem muita coisa legal aqui, mas não acho tudo lindo. Também sou crítico. Em 1980, era muito bacana. Peguei a época do rock, andava de moto. Agora a cidade está muito cheia", afirma. "Também não gosto da carece e da influência do poder público da cidade. Gosto de Brasília mais humana e mais distante do poder", ressalta.

**ONDE NASCEU**

"Não lembro o nome e nem sei se existe mais".

**ORIGEM FAMILIAR**

Pai mineiro, mãe paulista

**LEMBRANÇA DA INFÂNCIA**

"A crueldade da época da construção de Brasília. Vi pedreiro morrer depois de cair de andaime e também gente gastar todo o salário do mês para comprar bebida alcoólica nos botecos das entrequadras".

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**

Andar de bicicleta. "Pena que o trânsito não é o mesmo de anos atrás e só posso pedalar no fim de semana".



# O que faz você feliz?

As bandas de rock que nasceram aqui?

Passear no parque da cidade?

Ficar olhando esse céu que parece não ter fim?

Viver numa cidade que é patrimônio da humanidade?

Fim de semana na Chapada dos Veadeiros?

Um dia de sol no Lago?

Ir à Feirinha da Torre com os amigos?

Chamar bicicleta de camelo?

Homenagem do Pão de Açúcar aos 47 anos de Brasília.



**Pão de Açúcar** Lugar  
de gente  
feliz.





**ONDE NASCEU**  
Hospital Santa Lúcia, na Asa Sul

**ORIGEM FAMILIAR**  
pai maranhense, mãe mineira

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA**  
"Das brincadeiras no playground do Parque da Cidade e na SQS 311, onde moravam meus tios."

**O QUE GOSTA EM BRÁSILIA**  
Da Catedral e da Esplanada dos Ministérios. "A Esplanada dos Ministérios resume a relação que Brasília tem com o poder"

# Geração de SERVIDORES

**Carlos Ferreira é filho de funcionário público, jamais estudou em escola particular e hoje trabalha na Funasa, órgão do governo federal. Ele acredita que a profissão deve ser valorizada porque é fundamental para a sociedade**

Carlos Vieira/CB



**CARLOS HENRIQUE: IDEALISMO E ORGULHO DE SER FUNCIONÁRIO PÚBLICO**

**SOLANO NASCIMENTO**  
DA EQUIPE DO CORREIO

Um bando de meninos pega uma pedra e, na calçada de concreto, riscas os traços de uma pista de automobilismo. Incrementa com desenhos de obstáculos e dispõe sobre ela tampinhas de garrafa que representam os carros de corrida. A disputa começa e cada um dos donos dos "veículos" tem direito a dar três toques de cada vez em sua tampinha, sem sair da pista. O primeiro a chegar ao final é o campeão.

É essa imagem que remete o funcionário público Carlos Henrique Bessa Ferreira, 34 anos, aos dias felizes da infância na capital federal. "Acho que só aqui em Brasília tinha isso", diz. "Havia até campeonato." Filho de dois migrantes que vieram na juventude para a cidade, Ferreira se criou entre tampinhas velozes e jogos de futebol no Guarã, onde vive até hoje. Seu pai, José Humberto Bernardes Ferreira, era cobrador de ônibus da TCB e foi dentro de um coletivo que se encantou por Dolores, com quem casaria.

Antes de trabalhar como servidor, Carlos Ferreira foi um grande usuário do serviço público. Começou os estudos no Centro 4, do Guarã 1, e seguiu sempre na rede pública até o

curso de geografia da Universidade de Brasília. Passou a primeira fase da adolescência indo ao cinema e frequentando festas em casas de amigos. "Depois que eu fiquei mais velho, o divertimento foi se sofisticando", lembra. Essa sofisticação o levou a se divertir na Zoom, a famosa boate que agitou os anos 1980 no Gilberto Salomão. "A gente voltava para casa de madrugada, sem medo", diz saudosos.

Foi ainda na adolescência que Carlos Ferreira viu o pai trocar o trabalho de cobrador por uma vaga na lavanderia do Hospital de Base, se tornando assim o primeiro funcionário público da família. José Ferreira permaneceu no hospital até se aposentar, o que acabou sendo um incentivo para o filho ingressar no serviço público. "A questão da estabilidade foi um estímulo", conta Carlos Ferreira.

No começo da faculdade, quando trabalhava no BRB como contratado de uma empresa terceirizada, fazendo cópias, ele resolveu prestar um concurso para o Ministério da Educação. Passou, mas acabou sendo chamado para a Fundação Nacional de Saúde (Funasa), onde está há 12 anos. Primeiro atuou na publicação do boletim interno da fundação, e hoje está na coordenação de recursos humanos. Ingressou assim numa categoria gigante na capital. A Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2005, a última disponível, de-

tectou já naquele ano a existência de 386,1 mil trabalhadores na administração pública direta e em autarquias no DF.

Não perdeu o idealismo e o orgulho dos primeiros anos. "A função de servidor público é uma das mais dignas que existe", afirma. "O servidor está inserido em quase todos os serviços básicos, o que inclui hospitais, saneamento, colégios." É com esse mesmo orgulho que ele lembra ser a Funasa responsável por áreas importantes como o combate a endemias, saneamento e a saúde dos índios, "excluídos e os primeiros habitantes do país." Carlos Ferreira lamenta que muita gente não reconheça essa relevância do serviço público. "Existe uma falta de consciência da sociedade e de valorização por parte do governo da importância do trabalho do servidor."

Mesmo assim, Carlos Ferreira não pensa em mudar de profissão e nem em deixar a cidade que reúne milhares de servidores públicos. "Gosto muito de água, como todo o brasileiro, gosto de viajar, de ir para o litoral, mas não penso em me mudar daqui. É uma questão de amor, mesmo", diz o servidor. "Acho que Brasília é a única cidade do mundo em que a gente está no centro, em um lugar superabitado, e anda menos de um quilômetro e já chega a um local sossegado, com verde, onde pode sentar e sentir como se estivesse em uma cidade do interior."



# O CANTO do cerrado

Vocalista do grupo Pegada Black carrega o Cruzeiro nos tons da memória e saúda a cidade como canteiro de criações artísticas

JORGE DE CASTRO

DA EQUIPE DO CORREIO

**N**o começo, as batucadas eram apenas uma das várias brincadeiras de infância. Hoje, com 27 anos, a música é o ganha-pão do cantor brasiliense Edgar Lacerda dos Santos. Nascido no Hospital das Forças Armadas (HFA), o vocalista passou boa parte da vida no Cruzeiro. O pai, José Jorge dos Santos, 50 anos, militar, veio para a cidade com 17 anos, transferido do Rio de Janeiro, quando Brasília era uma recém-nascida. A mãe, Margareth Lacerda dos Santos, 49 anos, é de São Paulo. O avô materno de Edgar chegou à cidade no dia da inauguração da capital. "Ele foi um dos pioneiros do Cruzeiro", orgulha-se o vocalista da banda Pegada Black.

Os pais de Edgar se conheceram em um grupo jovem de uma igreja. "Brasília é a cidade dos encontros", sentencia. A relação de Edgar com o Cruzeiro é forte. Ele chegou a morar na Asa Norte, no Paranoá e em Valparaíso. Nesse meio tempo, foi casado por cinco anos, teve um filho e se separou. Hoje, mora com a mãe no apartamento onde o pai vivia quando conheceu a futura mulher, no Cruzeiro.

Mesmo distante do Cruzeiro por alguns períodos, Edgar não esqueceu dos amigos do bairro. "No tempo que eu morei na Asa Norte, eu estudava no Cruzeiro", lembra. Depois de quatro anos como "intruso" no Plano Piloto, a família de Edgar voltou para o bairro que abrigou boa parte da comunidade carioca que vinha para Brasília na década de 1960.

As lembranças do brasiliense sobre aquela época têm a cor da terra. "Havia muito barro, a terra era vermelha. Tinha muitas aves de rapina. Não havia grades nos blocos. Hoje, os prédios são todos fechados e as aves só aparecem em determinadas épocas", afirma.

Naquela imensidão de mata, a bicicleta era o brinquedo mais divertido para desbravar as regiões em que estão hoje o Sudoeste e o Setor de Inflamáveis. "Havia vários moinhos de areia para saltar. Chamávamos de tobogã", recorda. Dentro de casa, as aventuras das pedaladas davam lugar às notas musicais, influenciado pelos pais. "Meu pai tinha muitos discos. Crescemos escutando todo o tipo de som", recorda o rapaz de cabelo rastafari e amantem também do reggae.

## Memórias

As melodias dos antigos LPs, os bolachões, fizeram que ele e o irmão mais velho frequentassem o projeto Canta Gavão, que teve seu auge no final da década de 1970 e meados da década de 1980. "Os Paralamas do Sucesso, o Aborto Elétrico, a Cássia Eller, todos eles já tocaram por lá." Nas recordações do cantor, pelo menos uma vez por mês, as ruas do

Wenderson Araújo/Especial para o CB



EDGAR LACERDA, VOCALISTA DE UMA BANDA DO CRUZEIRO: DEPOIS DE MORAR EM TRÊS LUGARES, VOLTOU AO BAIRRO NATAL

Cruzeiro ficavam cheias de pessoas para escutar as músicas. Hoje, Edgar lamenta. As apresentações foram reduzidas a uma vez por ano e os shows não são valorizados.

Para o cantor, ser músico em Brasília é difícil. Mesmo assim, ele procura integrar a comunidade que o abraçou em um projeto de iniciação rítmica para a população. As aulas acontecem às terças-feiras, das 19h às 22h, na Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro. "Qualquer um pode participar, desde criança até idosos", diz. Nas aulas, os aprendizes têm a oportunidade de dar as primeiras batucadas. O objetivo, segundo ele, não é formar percusionistas, mas fazer com que a comunidade do bairro, principalmente as crianças, interaja e trabalhe pela cidade. "Quando era moleque, eu conhecia todo mundo, de todas as quadras. Hoje, os garotos nem saem na rua", lamenta.

Na adolescência, ele iniciou-se na política. Presidente

do grêmio do colégio Caseb, organizou várias manifestações durante o impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992. "Fomos todos os dias para a Esplanada até o dia que ele renunciou", lembra. O engajamento político parou por ali. Nos planos dele estava o vôlei. Antes de completar 18 anos, chegou a defender Brasília nos campeonatos brasileiros. "Quando vi meus pupilos ficando mais altos do que eu, resolvi parar", brinca o jovem de 1m80.

A partir daí, a música tomou espaço definitivo. E foi ela que o fez conhecer o Distrito Federal. Tocando ou participando de projetos culturais nas cidades satélites, ele conheceu a realidade e a falta de eventos culturais. "O mais interessante é a carência daquelas pessoas quando uma banda aparece. A felicidade é geral." Para ele, é lamentável que os ritmos musicais não chegam às cidades mais afastadas.

**ONDE NASCEU**  
Hospital das Forças Armadas (HFA)

**ORIGEM FAMILIAR:**  
Pai carioca, mãe paulista

**LEMBRANÇA DA INFÂNCIA:**  
Melhor lembrança da infância — "Andar de bicicleta pelo bairro e pelo mata, onde hoje existe o Sudoeste e o Setor de Inflamáveis"

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:**  
"Esse caráter babel. A mistura de culturas. Um dia eu vou à casa de um amigo e como comida paraibana. Outro dia, vou a casa de outro e a refeição é baiana"





**Como doméstica, Carmozina conquistou a independência financeira, terminou o ensino médio, fez vários cursos profissionalizantes e criou a filha. Mas não desistiu de ser professora**

Wenderson Araujo/Especial para o CB

CARMOZINA:  
ESFORÇADA,  
FEZ CURSOS DE  
PANIFICAÇÃO,  
PINTURA E  
TAPEÇARIA EM  
TECIDOS



27

BRASÍLIA,  
SABADO,  
21 DE ABRIL  
DE 2007

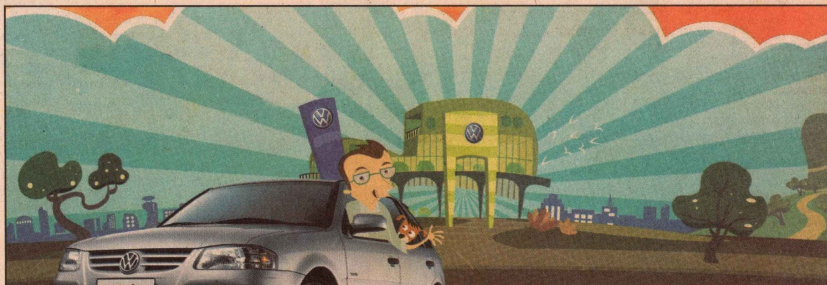
# Luta DIÁRIA de uma guerreira

CAROLINE LASNEAUX  
DA EQUIPE DO CORREIO

Aos 15 anos, Carmozina Carvalho Batista tomou uma decisão: iria trabalhar. A intenção era ter uma graninha a mais no fim do mês para comprar a roupa da moda e ainda ter o dinheiro suficiente para pagar cursos que gostaria de fazer. A mãe, diarista, e o pai, chacareiro, não tinham condições financeiras de satisfazer os desejos da menina. “No início, minha mãe foi contra. Mas a decisão foi minha. Não via por que adiar uma coisa que mais cedo ou mais tarde iria acontecer. Além do mais, não queria ficar esperando para sempre por coisas que meus pais não poderiam me oferecer”, conta.

Assim, Carmozina, que tem hoje 30 anos, passou a juventude trabalhando em casa de família como doméstica. Com o dinheiro, também comprava presentes para a irmã Cristiane, quatro anos mais nova. A noite, a moça ia para escola. “Tive que passar para o noturno, porque o horário estava muito apertado”. Prestes a terminar o ensino médio, a moça ficou grávida. “Aí é que foi dureza, a ralação foi grande”, conta.

Apesar de não ter carteira assinada, a patroa de Carmozina deu a ela os quatro meses de licença-maternidade previstos na lei.



Cód. 5W114

Com tanta homenagem a Brasília, a gente teve que caprichar ainda mais nas ofertas para chamar atenção.

TODA LINHA  
GOL CITY 1.0  
COM TAXA DE

**0,20%**  
a.m.

(2)

Gol City 1.0 2007





juventude trabalhando em casa de família como doméstica. Com o dinheiro, também comprava presentes para a irmã Cristiane, quatro anos mais nova. À noite, a moça ia para escola. "Tive que passar para o noturno, porque o horário estava muito apertado". Prestes a terminar o ensino médio, a moça ficou grávida. "Ali é que foi dureza, a ralação foi grande", conta.

Apesar de não ter carteira assinada, a patroa de Carmozina deu a ela os quatro meses de licença-maternidade previstos na lei.

"Ela era uma patroa muito boa, me pagava direitinho", diz. Já com a filha Kamila nos braços, voltou a trabalhar como doméstica. "Sempre trabalhei com isso. Já até tentei fazer alguns cursos, mas nunca consegui trabalhar com nada na área", lamenta.

Dedicada, Carmozina aproveitou todas as oportunidades de cursos gratuitos oferecidos para a comunidade de Brazlândia. "Fiz aulas de panificação, vigilância, tapeçaria e pintura em tecido", diz, orgulhosa. Mas o grande sonho da moça é fazer uma faculdade. De geografia ou de história, disciplinas que mais gostava na escola. "Sei lá, às vezes até teria vocação para ser professora. Gosto de crianças e já trabalhei por

#### ONDE NASCEU

Hospital Regional de Taguatinga (HRT)

#### ORIGEM FAMILIAR

O pai é cearense e a mãe piauiense

#### LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

"Os desfiles de 7 de setembro que eu e meus irmãos sempre acompanhávamos. Depois, a gente passava na Torre de TV e assistia à missa na Igreja Dom Bosco".

#### O QUE GOSTA EM BRAZILIA

Torre de TV. "Gosto muito de artesanato. Vou para lá com minha filha e fico observando as coisas que estão nas barracas. É muito bonito".

muito tempo cuidando delas", diz, mas sem tanta esperança de um dia ter um diploma universitário nas mãos. "Meu sonho é o mesmo de muita gente que eu conheço, mas é tão difícil", observa. "O que eu queria mesmo é que o governo oferecesse cursos em todas as cidades satélites, mas sem o desvio de dinheiro e corrupção que a gente sabe que está por trás de muitas iniciativas assim. A gente tem que pagar cursinho caro em outra cidade e ainda gastar muito dinheiro com transporte e alimentação. Complica demais", desabafa.

Moradora de Brazlândia desde que nasceu, Carmozina acha o povo de Brasília especial. "As pessoas daqui são muito simpáticas, comunicativas. Uma vez visitei o Rio de Janeiro e achei a gente lá muito fria, distante", diz. "Brazlândia é um lugar muito bom de se viver. Só fica devendo porque não tem muitas opções de lazer. Quando quero passear com a minha filha, tenho que pegar ônibus e ir até o shopping de Taguatinga."

Para o futuro, Carmozina tem dois sonhos: o primeiro é que a filha complete os estudos. "Quero que ela tenha as oportunidades que eu e o pai dela não tivemos. Que ela faça uma faculdade que goste e tenha muito sucesso", diz. O segundo desejo, mais imediato, é de comprar uma casa só dela. Na chácara onde mora, no Setor Tradicional de Brazlândia, vivem oito pessoas. "Ficou apertado para tanta gente", diz Carmozina, sem tom de reclamação. "As vezes pensamos que nossa vida é difícil, mas tem gente que vive bem pior. Já cheguei em alguns lugares que custei a acreditar que vivia alguém ali".

ofertas para chamar atenção.

**0,20%** a.m.

## Gol City 1.0 2007

a partir de:

### R\$23.990,00

- Motorização Total Flex
- Acelerador eletrônico E-GAS
- Imobilizador eletrônico
- Banco do motorista com regulagem de altura
- Limpador, lavador e desembaçador do vidro traseiro grátis.

VIDROS ELÉTRICOS, TRAVANCO ELÉTRICO E AR-CONDICIONADO POR APENAS R\$ 3.160,00

Kit 20 anos



Cód. 5W114

## Toda linha Fox com 0% de entrada, saldo em 60 meses e a primeira só em agosto.



Cód. 5Z114

Kit 20 anos  
DESCONTO DE R\$ 1.610,00 NO AL-COORDINADO E FINANCIAMENTO



Cód. 5W9V4

Saveiro 1.6 2007 <sup>(1)</sup>  
a partir de:  
**R\$28.990,00**

- suspensão elevada
- protetor de camba
- extraprotetido
- imobilizador eletrônico

Venha conhecer o novo Golf.



(4) 10 Montadora 100% TOTALFLIX



(3) 3



Banco Volkswagen

Perfeito para a sua vida.



**Bral**  
SIA Trecho 01, Lt. 555  
3962-6655

**Bravesa**  
SIA Trecho 03, Lt. 545  
2107-1700

**Disbrave**  
W3 Norte, Cód. 503 - Tel.: 3329-9999  
PAT Aeroporto - Tel.: 3218-9999

**Saga**  
Ao lado do Carrefour Sul  
3403-9393

**Taguatu**  
Pistão Sul, ao lado do Colégio JK  
3035-9999

www.vw.com.br. Validade até 23/04/2007. (1) Saveiro 1.6 2007/2007 (Cód. 5W9V4) a partir de R\$ 28.990,00. (2) Gol City 1.0 2007 (Cód. 5W114) em preço a partir de R\$ 23.990,00, incluindo Imobilizador eletrônico e desembaçador do vidro traseiro grátis e a taxa de 0,20% a.m. com ar condicionado e vidros e travão elétricos por apenas R\$ 3.160,00. (3) Toda linha Fox com 0% de entrada, saldo em até 60 meses e a primeira parcela com 100 dias a partir de data de instalação do veículo, taxa de 0,20% a.m., financiamento exclusivo Banco Volkswagen, valor do SAC não incluso, sujeito à aprovação creditícia. (4) Toda linha Gol com o valor do preço público de ar condicionado e direção hidráulica da Fox City 1.0 (Cód. 5Z11C) (5) Garantia de fábrica de 3 anos, sem limite de quilômetros para defeitos de fabricação e montagem em componentes internos de motor e transmissão. Banco Fiamil, Fiamil e a. Encargos para sua utilização e compromisso de plano de manutenção. (6) Desde 01/05/06 a Volkswagen é a primeira e única montadora a produzir 100% dos seus motores nacionais com tecnologia Bosch/Infiniti. Promoção válida enquanto durarem as estações dos concessionários. Frete incluso a partir da última fábrica. Imatriculação.





Wenderson Araujo/Especial para o CB



**ONDE NASCEU**  
Hospital de Base, na Asa Sul

**ORIGEM FAMILIAR**  
Pai maranhense e mãe paulista

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA:**  
"O meu local favorito era a livraria Sodiler, no Conjunto Nacional. Eu sempre adorei ler, passava a tarde por lá escolhendo livros."

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
Torre de TV, "Gosto de ir ao mirante, ver o que está mudando na cidade"

# Como nasceu a CIENTISTA

ERICA ANDRADE  
DA EQUIPE DO CORREIO

A cabeça da pequena Lúcia vivia no mundo da ficção científica. Não por acaso, um dos locais prediletos para brincar era o foguete do parquinho Ana Lúcia, no Parque da Cidade. Ali, aos sete anos, a garota tímida e inteligente sonhava com a profissão que já escolhera: cientista. Ela chegou lá. Lúcia Maria Pepe de Moraes, 43 anos, é PhD em bioquímica e biologia molecular aplicada. Professora da Universidade de Brasília (UnB), ela também pesquisa alternativas para o uso de combustíveis fósseis, como produção de álcool do bagaço de cana-de-açúcar e de mandioca.

A pesquisadora passou a infância na quadra 312 Norte. Os pais se encontraram em Brasília logo após a inauguração, em 1961. Ele, vindo do Nordeste; ela, do interior de São Paulo. A capital ainda estava em obras. A W3 Norte, por exemplo, terminava na quadra 513. Lúcia conta que onde hoje está a quadra 112 Norte, ficava um campo de futebol, no qual as crianças brincavam de betê, jogavam bola, pulavam corda e elástico. Nos finais de semana, o passeio da família era ir à praça da fonte luminosa, "A água ficava colorida, formava desenhos. A gente ficava assistindo o baiado das águas", lembra.

Solteira e sem filhos, Lúcia dedica toda energia às duas sobrinhas: "Lindas, que compensam tudo". Ela mora com os pais, que estão em idade avançada. A cientista adora ler, tem queda especial por ficção científica. Organiza-se da coleção com 520 livros desse gênero. Um sessão de cinema no Karim, que ficava na 110/111 Sul e fechou as portas em outubro de 2000, marcou a sua vida. Ali ela

ram com que Lúcia desenvolvesse mais afinidade com os meninos do que com as meninas. "Estava mais para essa área do que para bonecas e flores", brinca. "Na adolescência, eu tinha o meu próprio mundo e não era muito popular", avalia a pesquisadora. "A badalação era no Gilberto Salomão, mas eu não gostava muito daquele desfile de gente de lá para cá, não fazia muito sentido para mim". Lúcia preferia programas diurnos: "Se me convidassem para o cinema ou uma cachoeira eu topava na hora". Naquele tempo, muitos jovens reclamavam que Brasília não tinha nada para fazer. "Mas não era justo comparar a cidade que estava nascendo na década de 70 com outros centros como Rio e São Paulo" justifica.

Lúcia guarda com carinho um recorte do Correio Braziliense, de julho de 1981, com o resultado do vestibular da UnB, no qual foi aprovada para o curso de biologia. A pesquisadora ressalta que, quando ingressou na universidade, Brasília já era um núcleo catalizador dos estudos sobre engenharia genética e biologia molecular no Brasil. "Pouca gente sabe que, graças a iniciativa de pesquisadores daqui, a UnB contribuiu para o aperfeiçoamento dessa área em universidades no país inteiro", diz.

Espírito inquieto, impaciente, Lúcia sempre canalizou essa energia para o trabalho. "Gosto do desafio da pesquisa, de montar o experimento, desfazer o mistério, solucionar os problemas", empolga-se. O maior sonho profissional é criar um centro de biotecnologia na Universidade de Brasília. "É preciso transformar as pesquisas em produtos tecnológicos que possam ser utilizados pela sociedade". No entanto, falta incentivo e investimento das empresas. "Os empresários brasileiros precisam perceber a universidade como uma oportunidade de desenvolvimento", explica.

Ao falar sobre esses projetos, a voz de Lúcia fica firme e

**Brincadeiras no parquinho, fonte luminosa e filme no Cine Karim reforçaram em Lúcia Pepe o desejo de dedicar à pesquisa científica**





LÍDIA DE MORAES: PAIXÃO POR RPG E FICÇÃO CIENTÍFICA

gente ficava assistindo o ba-lado das águas", lembra-se.

Solteira e sem filhos, Lídia dedica toda energia às duas sobrinhas: "Lindas, que compensam tudo". Ela mora com os pais, que estão em idade avançada. A cientista adora ler, tem queda especial por ficção científica. Orgulha-se da coleção com 520 livros desse gênero. Um sessão de cinema no Karim, que ficava na 110/111 Sul e fechou as portas em outubro de 2000, marcou a sua vida. Ali ela assistiu ao primeiro filme da série *Guerra nas estrelas*: "Foi um filme especial para mim, porque eu não tinha uma visualização do que eu lia nos livros, e foi exatamente o que eu esperava. Amei".

A paixão pela ficção e o gosto por jogos de RPG fize-

montar o experimento, desfazer o mistério, solucionar os problemas", empolga-se. O maior sonho profissional é criar um centro de biotecnologia na Universidade de Brasília. "É preciso transformar as pesquisas em produtos tecnológicos que possam ser utilizados pela sociedade". No entanto, falta incentivo e investimento das empresas. "Os empresários brasileiros precisam perceber a universidade como uma oportunidade de desenvolvimento", explica.

Ao falar sobre esses projetos, a voz de Lídia fica firme e os olhos brilham. Diante dessa observação, ela explica: "Quando eu me formei o meu pai me perguntou o que eu ia fazer com um diploma de bióloga, se eu seria professora de colégio. Eu disse a ele: eu vou ser cientista. Não sei como, mas eu vou chegar lá." Alguém duvida?

Márcio Santos se inspira na arquitetura, na vida cotidiana e nas recordações de Brasília para compor peças de cortes simples, mas clássicos

## O ESTILO da simplicidade

FLÁVIA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

### ONDE NASCEU

Antigo Hospital São Vicente, atual HPAP de Taguatinga.

### ORIGEM FAMILIAR

Pai baiano, mãe goiana.

### LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

"Soltar pipa com o meu pai nos gramados da Torre de TV".

### O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

Da Catedral. "Acho perfeita como arquitetura, adoro os anjos. Só que gostava mais antes de pintarem o concreto de branco. Ela era mais pura".

Ele define o estilo do seu trabalho como minimalista. Cortes clássicos e simples que conferem às criações do estilista Márcio Santos, 34 anos, sofisticação e modernidade. Roupas que se parecem com Brasília, ele compara. "Faço peças simples, assim como a cidade, uma coisa meio limpa, meio ampla e moderna", diz. O gosto pela moda foi despertado ainda na adolescência. Aos 15 anos, Márcio já trabalhava em lojas. Começou como office-boy e logo era vitrinista da extinta Rakan, no Conjunto Nacional.

A infância na Ceilândia não tinha luxos, mas nada lhe faltou. "O primeiro emprego veio por 'vontade de comprar as minhas coisas", conta. O maior sonho de consumo da época era um tênis All Star. Nos tempos de menino ia para escola de conga. Usar All Star era "coisa de gente chique". Quando pôde, Márcio comprou logo três. Até hoje gosta do tênis. Não tira um branco do pé.

Aliás, o estilista prefere roupas básicas, mas tem de ser bem feitas. No armário, impera a calça jeans, camisa branca ou pólo. De jeans, sempre gostou. Solta uma gargalhada quando lembra das calças que usava quando adolescente: Ustóp, "daquelas bem grossas", que o pai comprava na feira da Ceilândia. Até hoje aprecia o material na hora de confeccionar suas peças. Quanto mais azul e menos lavada, melhor.

A arte da costura aprendeu sozinho. Desde menino, Márcio se interessa por desenhos. Quando acompanhava o pai à Rodoviária de Brasília, comia pastel e passeava na banca de revistas. Sempre encontrava algum exemplar que ensinava técnicas para desenhar. Foi dessa forma que aprendeu tudo que sabe. Os estudos terminou na Ceilândia, onde mora desde os 4 anos de idade. Naquele ano de 1976, a cidade ainda não tinha cara de cidade, sequer havia energia. O resto do conhecimento adquiriu nos livros de moda. Afinal, faculda-de sobre o assunto é coisa nova na capital.

Wenderson Araujo/Especial para o CB



MÁRCIO SANTOS, EX-MORADOR DA CEILÂNDIA: DE OFFICE-BOY E VITRINISTA A COSTUREIRO DA ALTA RODA SOCIAL

Tímido, Márcio tem fama de caseiro. Quando queria se divertir ia rumo à Taguatinga, no cine Lara, que há muito fechou suas portas. Gostava de ver filmes. O melhor é que podia ficar na sala de cinema e assistir à próxima sessão.

Encontrou trabalho no Plano Piloto. Depois do Conjunto Nacional, passou alguns anos na, ainda famosa, "rua dos tecidos", na 307 Sul. Lá, venceu a timidez para tratar diretamente com a clientela. Desenvolveu a técnica para desenhar roupas de festa, nos tempos em que era mais comum comprar renda francesa importada para arrasar em um modelo. "Antes se vendia muito mais tecidos nobres para festas. Hoje a moda acompanha o ritmo de Brasília, em que a mulher precisa estar vestida para sair do trabalho, ir a um happy hour ou outro evento", avalia.

Depois dedicou mais de uma década a atender gente fina na extinta loja *Quadra*, na 211 sul. A experiência apu-

rou e sofisticou as peças de Márcio. Foi quando uma empresária, dona de uma das mais famosas boutiques de Brasília, encantou-se pelo trabalho do estilista e incluiu as peças do moço na "arara" da loja, junto com os mais famosos estilistas do país.

Talento reconhecido na capital glamourosa, que desperta para a moda. Em 2002, Márcio Santos levou o Prêmio Brasília Shopping de Moda na categoria nacional, avaliado por júri especializado. Também ganhou o Prêmio Athos Bulcão. Ano passado desfilou em um importante festival local. Deu frio na barriga, mas a crítica só elogiou o trabalho em algodão cru do estilista. Este ano subiu novamente a passarela e provou que faz parte de uma história que só está começando. "A cidade me ofereceu tudo que preciso para meu trabalho. A tradição da moda está começando aqui e fico feliz de participar desse início", orgulha-se.